FUTEBOL FEMININO E MÍDIA: ESTRUTURA E DESAFIOS NO ESPORTE CLUBE JACUIPENSE

WOMEN'S SOCCER AND MEDIA: STRUCTURE AND CHALLENGES IN ESPORTE CLUBE JACUIPENSE

Wiliam Falcão Vilarinho[1]
Diego Luz Santos[2]

RESUMO
O futebol feminino no Brasil ainda é uma modalidade vista com um olhar de preconceito por parte de muitas pessoas, as dificuldades aumentam ainda mais para as atletas que atuam em equipes consideradas pequenas, como é o caso do Esporte Clube Jacuipense, equipe da cidade de Riachão do Jacuípe, interior da Bahia, utilizado como estudo neste artigo. Nesta pesquisa, o objetivo é mostrar a realidade vivida por atletas que sonham em brilhar como jogadoras de futebol, mas precisam enfrentar a dura realidade da modalidade na Bahia. Deste modo, o pesquisador realizou entrevistas com pessoas envolvidas diretamente com o esporte e profissional da imprensa baiana a fim de explicar a proporção de conteúdos publicados sobre o time feminino do Jacuipense. Sendo assim, é possível compreender o motivo de tanta luta por parte das mulheres que desejam se tornar atletas profissionais de futebol e iniciam a carreira em clubes de baixo investimento.

Palavras-chave: Futebol feminino, Esporte Clube Jacuipense, investimento, jornalismo esportivo.

ABSTRACT
Women's football in Brazil is still a sport seen with a prejudiced view by many people, the difficulties increase even more for athletes who play in teams considered small, as is the case of Esporte Clube Jacuipense, a team from the city of Riachão of Jacuípe, in the interior of Bahia, used as a study in this article. In this research, the objective is to show the reality experienced by athletes who dream of shining as football players, but need to face the harsh reality of the sport in Bahia. In this way, the researcher carried out interviews with people directly involved with the sport and professionals in the Bahian press in order to explain the proportion of content published about the Jacuipense women's team. Therefore, it is possible to understand why thereis so much struggle on the part of women who want to become professional football athletes and start their careers in low-investment clubs.

Keywords: Women's football, Esporte Clube Jacuipense, investment, sports journalism.

[1] Discente UNIFTC
[2] Docente REDE UNIFTC

INTRODUÇÃO

O futebol feminino por muito tempo foi uma prática proibida no Brasil. Graças ao Decreto-Lei 3.199, lançado pelo presidente Getúlio Vargas em 14 de abril de 1941, as mulheres que sonhavam em jogar futebol tiveram que buscar outras profissões para exercer. De acordo com informações do livro "*Elas e o futebol*", lançado em 2019, da autoria de Cecília Almeida Rodrigues Lima, Larissa Brainer e Soraya Barreto Januário, somente em 1983 a modalidade foi liberada no país e, desde então, vem lutando em busca de espaço, visibilidade e aporte financeiro, que ainda é muito abaixo em comparação ao futebol masculino e até mesmo outras modalidades esportivas.

Nos últimos seis anos, quando as equipes brasileiras de futebol masculino que disputam competições internacionais, tiveram que ser obrigadas a criar times femininos a partir de 2019, o avanço da modalidade é notório e houve um crescimento no número de clubes e competições em todo o Brasil. Contudo, o cenário ainda é inferior a outros países vizinhos, conforme é apresentado no decorrer deste artigo. Com a obrigatoriedade de times masculinos que disputam competições sul-americanas terem uma equipe feminina, muitas mulheres conquistaram uma oportunidade que foi motivo de luta ao longo da história do esporte.

Apesar de os grandes clubes do futebol brasileiro terem criado equipes femininas e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) junto às federações estaduais darem maior espaço para as atletas mulheres, o cenário nos considerados times de menor porte ainda é muito longe da realidade masculina e daquilo que o futebol feminino exige para se tornar um esporte popular e mais justo no Brasil. O artigo também mostra o cenário de evolução por parte do público, que passou a acompanhar o futebol feminino mais de perto no estádio e, também, nas transmissões esportivas, dando maior audiência em comparação a outros esportes olímpicos, tendo como exemplo as Olimpíadas de Paris 2024.

O papel da mídia tem sido fundamental para o avanço da modalidade, entretanto, é necessário pontuar que pode ser feito ainda mais. Por isso, este artigo aborda um estudo de como a mídia baiana, em específico o Portal A

TARDE, site da empresa a qual o pesquisador faz parte, informa os leitores sobre o futebol feminino, fazendo um breve comparativo em relação ao futebol masculino, em um recorte de sete meses, a partir de março de 2024. Além disso, o estudo também mostra o desempenho do Esporte Clube Jacuipense no Campeonato Baiano Feminino de 2024.

Neste artigo, é apresentado o contexto histórico do futebol feminino até a liberação da prática esportiva no Brasil e um estudo específico do Esporte Clube Jacuipense, clube de Riachão do Jacuípe, interior da Bahia, mas que atualmente treina em Salvador. Também é apresentado a estrutura de trabalho para as atletas profissionais, abordando as dificuldades e preconceitos que elas enfrentam, uma perspectiva de futuro como atleta, por meio dos sonhos e das oportunidades cedidas para elas e o que o Jacuipense e Federação Bahiana de Futebol (FBF) têm feito para transformar os sonhos em realidade.

Como questionamento da problemática, para que o tema seja abordado no recorte proposto pelo artigo, se faz necessário saber em meio a tentativa de valorização do futebol feminino no Brasil, qual é a realidade das atletas que atuam em clubes considerados pequenos, como o Esporte Clube Jacuipense? E o que tem sido feito para melhorar o atual cenário?

A falta de investimento das federações estaduais contribuiu para que os clubes com menor poder aquisitivo não tenham as condições necessárias para haver uma evolução em todo o Brasil. Entretanto, ao longo dos últimos cinco anos, as entidades que organizam a categoria no país têm realizado ações para reparar o dano histórico. Apesar de ter uma grande campanha por parte da mídia para os torcedores abraçarem a Seleção Brasileira, em competições oficiais, e até um notório crescimento do público que acompanha a modalidade, é necessária uma atenção maior para as competições menores, como o Campeonato Baiano.

Este artigo destaca o processo de valorização do futebol feminino na Bahia e como o Esporte Clube Jacuipense está inserido neste cenário. A pesquisa mostra o contexto histórico e sociocultural da desvalorização do futebol feminino, analisa os principais desafios encarados pelas atletas do Jacuipense e destaca os impactos das ações do clube baiano para fornecer visibilidade e estrutura para as jogadoras que disputaram o certame em 2024.

O artigo ilustra, de maneira clara, coesa e objetiva, a difícil realidade de diversas atletas profissionais do futebol feminino que atuam no Esporte Clube Jacuipense e como a falta de investimento financeiro gera um impacto negativo na produtividade das atletas em campo. A motivação sobre o tema escolhido se deu por causa da vivência do pesquisador com o futebol e o olhar para a modalidade com o passar do tempo. No estudo, é abordado a falta de estrutura adequada para o processo de profissionalização das atletas, para que elas alcancem voos maiores na carreira.

A seguir, o pesquisador aborda três capítulos no artigo, contando desde o contexto histórico do futebol feminino no Brasil até um estudo sobre o Esporte Clube Jacuipense no Campeonato Baiano 2024. Em seguida, é feita uma reflexão sobre o espaço que a modalidade tem na mídia baiana. Para finalizar, com o recorte proposto, o artigo ilustra desafios, sonhos e esperanças de dias melhores para mulheres que vislumbram um futuro melhor até se tornarem atletas profissionais de futebol.

HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Antes de abordar a realidade do futebol feminino na Bahia, é necessário entender o contexto histórico do esporte no Brasil. De acordo com o livro "*Elas e o futebol*", utilizado como instrumento de pesquisa para elaboração do referido artigo, as mulheres foram proibidas de jogar futebol no período compreendido entre os anos de 1941 até 1979 por meio de uma interdição oficial vigente que vetava a prática de "desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino".

A referida determinação possui grande influência na demora para a modalidade a ganhar espaço no país e porque ainda nos dias atuais a estrutura no futebol feminino é bem abaixo do masculino, além de o público consumir em menor frequência. Vale lembrar que, enquanto as mulheres eram proibidas de jogar futebol no Brasil, o país já era tricampeão mundial na categoria masculina. Uma diferença que deixa evidente o motivo da tardia evolução do esporte.

Como forma de estratégia para regulamentar o futebol feminino no Brasil, uma partida entre mulheres representando as seleções dos estados de

São Paulo e Rio de Janeiro foi disputada em setembro de 1982 na preliminar do clássico entre São Paulo e Corinthians. À época, um dos grandes nomes do time paulista, Sócrates, manifestou-se em público a favor da partida entre as mulheres "[...] se elas não entrarem, nós também não vamos entrar" (MUSEU DO FUTEBOL, 2016).

Uma das idealizadoras do encontro foi a advogada e jogadora de futebol, Rose do Rio, mulher ativa em ações que reivindicavam os direitos das mulheres, entre eles, o de jogar futebol. Durante o período de luta para fazer com que a partida se tornasse realidade, Rose conversou "com Giulite Coutinho (presidente da CBF), João Havelange (presidente da Fifa) e Cesar Montanha (presidente do CND), e todos eles têm manifestado interesse, mas têm também procurado jogar a responsabilidade para outros órgãos" (ROSE DO RIO, 1983, p. 9).

Com a influência da União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), que já havia tornado a prática do futebol feminino esporte profissional, o Conselho Nacional de Desportos (CND) autorizou, no dia 25 de março de 1983, as mulheres brasileiras jogarem futebol no país, com algumas normas estabelecidas pela Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), entidade máxima do futebol. As mais evidentes foram: diminuir o tempo de jogo, já que no masculino eram 45 minutos em cada tempo, diminuir o tamanho do campo, diminuir o peso da bola e, também, o uso de "protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas. Outra diferença do futebol tradicional: bola 'matada' no peito será falta, equivalente à bola na mão" (VÂNIA... 1983, p.33).

Em entrevista ao pesquisador deste artigo, em 27 de agosto de 2024, a historiadora do esporte e pesquisadora, Aira Bonfim, apontou que o período de 38 anos em que a modalidade foi proibida é o retrato do retrocesso do país e que ainda há reflexo do autoritarismo e machismo nos dias atuais. "Existe futebol feminino sim de má qualidade, se a gente for pensar toda essa conjuntura, que não facilitou a profissionalização dessas mulheres ao longo dos anos" (BONFIM, Aira. 2024).

Entretanto, para Bonfim (2024), a comparação e a equiparação em termos de salários, por exemplo, podem atrapalhar o processo de evolução da modalidade. De acordo com a historiadora, a aproximação do público que

acompanha as partidas femininas difere por ter uma conexão mais próxima da realidade com as atletas, e essa essência é o fundamental para o futebol feminino dar seus próprios passos.

> Não acho que isso seja a solução, ganhar igual ao Vini Jr., ao Neymar, acho que tem que ter um sistema sustentável, onde de preferência que essas pessoas não se distanciem do seu público, mas tenha alguma humanidade que conecta entre elas e o público. Não à toa, que o público feminino, pelas dificuldades que a modalidade tem, tem uma conexão muito direta com seus torcedores e torcedoras. Seja por ser mulheres, ou pela comunidade LGBT, questões que são além do que acontece em campo (Bonfim, Aira. 2024).

O pensamento de Aira segue uma linha de raciocínio diferente da maioria dos debates entre torcedores que acompanham as partidas de futebol feminino. A historiadora expõe que o futebol feminino deve ter seu próprio direcionamento, sem confrontos com o masculino ou qualquer outra modalidade. Bonfim deixa claro em sua teoria que todas as modalidades esportivas têm seu próprio público, profissionais que atuam no segmento e até mesmo atletas.

PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Após mais de 40 anos de o esporte ser uma prática legal no Brasil, ainda são necessários alguns avanços no que diz respeito aos campeonatos estaduais. De acordo com um estudo publicado pela Fifa em julho de 2019, último feito pela entidade, com dados produzidos a partir de relatórios pelas federações associadas, o Brasil tem cerca de 15 mil mulheres que disputam campeonato profissional em algum nível. O número é sucinto, principalmente em comparação com países vizinhos como Argentina (27 mil), Venezuela (24 mil) e a grande potência do futebol mundial, os Estados Unidos, que possuem mais de 9,5 milhões de mulheres praticando futebol feminino.

Este número no futebol brasileiro apresentou um crescimento considerável, ainda que seja aquém do ideal, graças a uma determinação da

Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) que obriga que “a partir de 2019, os clubes que não tiverem um time de mulheres disputando competições nacionais não poderão participar de campeonatos sul-americanos de futebol de homens” (BARREIRA, et al., 2020, p.29).

A referida fez com que a CBF, juntamente com as federações estaduais e os clubes, direcionassem investimentos para o futebol feminino, com obrigatoriedade. Isso evidencia como as equipes de menor estrutura são afetadas diretamente, pois passou a existir um calendário com mais jogos ao longo da temporada. Ainda que seja pressionado, é um avanço para o esporte ter maior visibilidade no Brasil.

É verdade que os clubes com menor aporte financeiro sofrem bastante neste processo, pois precisam montar equipes para disputar competições, mesmo sem dispor de estrutura adequada para manter de forma digna um elenco feminino. Por haver um déficit de oportunidades, muitas atletas até aceitam jogar nessas equipes apenas pela visibilidade, sem receber salários, praticamente sem patrocínios. Uma realidade muito diferente do futebol masculino, onde atletas de 17 anos já possuem contrato profissional.

No ano seguinte ao que a CONMEBOL obrigou os clubes a terem equipes femininas, a CBF passou a organizar o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino com 16 clubes na primeira divisão, a Série A1. O número de equipes segue o mesmo em 2024. Já a Série A2, divisão de acesso, também em 2020, constava 36 times, sendo que apenas quatro garantiam vaga na elite brasileira. Neste torneio o formato mudou e agora possui também 16 clubes, com os quatro melhores conquistando o acesso. Por fim, tem a Série A3, onde 32 equipes buscam chegar à Segunda Divisão do futebol nacional. O cenário evoluiu, mas ainda existem outros problemas que precisam ser enfrentados e serão apresentados ao longo deste artigo.

ACEITAÇÃO DO PÚBLICO

Com investimento feito pelas entidades e federações que comandam a modalidade, é notória a ascensão da audiência do futebol feminino no Brasil. Tendo como base os números divulgados pelo Ibope e pelo Comitê Olímpico Internacional, fica evidente que o público teve uma participação bem ativa nos Jogos Olímpicos de Paris 2024. No relatório da Rede Globo, emissora oficial

das Olimpíadas, consta que mais de 140 milhões de pessoas assistiram ao futebol feminino no país, um crescimento de 10% em relação aos Jogos Olímpicos em 2021.

A audiência evoluiu principalmente nos dois últimos jogos da Seleção Brasileira. Na semifinal contra a Espanha, no dia 6 de agosto de 2024, mais de 15 milhões de pessoas acompanharam a partida, que terminou com a vitória do Brasil por 4 a 2. Já no duelo contra as norte-americanas, no dia 10 de agosto, quando a Seleção Brasileira foi derrotada por 1 a 0 e ficou com a medalha de prata, a Rede Globo atingiu um recorde: 35,1 milhões de telespectadores assistiram à partida. A maior audiência da emissora em um sábado, às 12h, desde a Copa do Mundo masculina de 2018, realizada na Rússia.

O crescimento no número de pessoas que passaram a acompanhar a categoria desde a mudança de postura da CBF e federações estaduais em 2019 é, também, entre os clubes brasileiros. A pesquisa “O Maior Raio-X do Torcedor”, divulgada em 19 de maio de 2024, em parceria com a Quest/CNN/Itatiaia, indica que a modalidade vem fidelizando cada vez mais os torcedores que querem acompanhar o próprio time.

O relatório ilustra que, 21% dos torcedores questionados, assistem apenas às partidas dos clubes que torcem, um aumento de 3% em relação ao estudo feito em 2023, quando 18% responderam assistir apenas ao time do coração. Outro dado positivo na pesquisa é a redução de pessoas que disseram não acompanhar o futebol feminino. Em 2023, 62% dos entrevistados afirmaram que não assistiam ao esporte, já na pesquisa divulgada em 2024, 59% dos torcedores responderam que não se informam sobre o futebol feminino.

Apesar de existir mais competições no cenário atual, ainda é necessária uma maior visibilidade para a modalidade. A falta de visibilidade por parte das grandes mídias, já que apenas a Primeira Divisão, entre competições citadas neste artigo, é transmitida em canal aberto. Já as divisões inferiores e campeonatos estaduais não tiveram o direito de transmissão comprado e, por isso, muitas vezes é difícil até conseguir imagens das partidas, ficando à mercê dos profissionais dos clubes enviarem algum tipo de material para noticiar o resultado do confronto.

COBERTURA DO PORTAL A TARDE DIRECIONADA AO ESPORTE CLUBE JACUIPENSE

Durante o período de pesquisa do tema proposto, foi realizado um acompanhamento diretamente no Portal A TARDE, portal de notícias do Grupo A TARDE, para trazer em números como a mídia baiana aborda o futebol feminino. Durante sete meses de pesquisa, contabilizou-se a publicação de matérias no site sobre o time feminino do Jacuipense, com um breve comparativo em relação à equipe masculina, deixando claro a disparidade entre as duas realidades e como as mulheres ainda precisam de espaço.

Desde março de 2024, foram publicadas apenas três matérias do time feminino do Esporte Clube Jacuipense, no referido portal. Todas as vezes em que a equipe foi citada foram nos corpos das matérias, em nenhum momento é mencionado o clube baiano no título da publicação. A nível de comparação, no mesmo período pesquisado, a equipe masculina é citada no Portal A TARDE 72 (setenta e duas) vezes, sendo em 25 (vinte e cinco) oportunidades nos títulos das publicações e outras 47 (quarenta e sete) nos corpos das reportagens.

Em entrevista ao pesquisador deste artigo no dia 23 de setembro de 2024, o editor de esportes do Portal A TARDE, Marcos Valença, destacou o avanço por parte da imprensa na cobertura da modalidade, mas ressaltou que o consumo do público é direcionado em recortes específicos. “Nacional e a Seleção Brasileira ainda chamam mais atenção do que o local, mas eu acredito que a imprensa já esteja evoluindo em relação ao futebol feminino” (VALENÇA, Marcos. 2024).

Segundo a assessoria de comunicação do Esporte Clube Jacuipense, todo material é disponibilizado em grupo de mensagens para os profissionais da imprensa. São publicadas informações do time masculino e do feminino na mesma rede e fica a critério dos profissionais a publicação do material nos veículos de imprensa. O clube afirma que, independentemente da categoria, o departamento de comunicação tem o dever de disponibilizar o material à imprensa, inclusive da competição que as mulheres do Jacuipense disputaram em 2024, o Campeonato Baiano.

O processo de informação do clube para os profissionais da imprensa funciona de maneira prática. O assessor de imprensa do time feminino do Jacuipense, Hilton Oliveira, detalhou a logística durante entrevista ao pesquisador deste estudo em 12 de setembro. “Sempre mando sim, principalmente em dia de jogo, sobre horário, onde vai ser. Depois eu mando o resultado do jogo, independentemente do placar, e algumas fotos justamente pra imprensa postar” (OLIVEIRA, Hilton. 2024).

É verdade que os portais de notícias, cada vez mais, se transformaram em empresas que visam acessos e lucros. Por isso, entender esse movimento que vem crescendo na audiência nacional, pode refletir e auxiliar na procura por informações dos clubes locais. Uma relação que tenha participação de todos os envolvidos no processo, desde a disponibilidade das informações oficiais, publicações que atraem o leitor e, consequentemente, acessos e impulsionamento da modalidade no site.

TRAJETÓRIA DO JACUIPENSE NO CAMPEONATO BAIANO FEMININO

Antes de o pesquisador mergulhar nas realidades das atletas de futebol feminino que disputaram o Campeonato Baiano 2024 pelo Jacuipense, é importante entender o contexto no qual a equipe foi formada para disputar a única competição no ano e qual foi o resultado alcançado. No dia 28 de junho, a equipe anunciou o treinador Ícaro França para comandar o time no torneio. O profissional possui vasta experiência no futebol baiano, tendo atuado como auxiliar técnico do time feminino do Vitória em 2015, além de passagens em equipes masculinas como Galícia, Leônico, Atlântico e Jacobina.

Com a competição às portas, o processo para montar o elenco e escolher as atletas que iriam representar o clube na elite do futebol baiano seguiu em ritmo acelerado. No dia 30 de junho, o clube realizou uma peneira no Centro de Treinamento do *Wet’n Wild, em Salvador* e, assim, deu início a formação do grupo de jogadoras, que estrearam no campeonato no dia 11 de agosto em Ilhéus, contra o Barcelona.

Diferente de 2022 e 2023, quando o elenco feminino realizava alguns treinamentos em locais públicos e até em campo de barro como por exemplo no bairro do Cabula, em Salvador, em 2024 o cenário não se repetiu e as

atletas treinam de segunda a sexta-feira, à noite, no *Wet'n Wild*. "Foi uma das exigências que eu fiz para aceitar ser o técnico do Jacuipense. Um local adequado para a gente treinar, um local fechado" (FRANÇA, Ícaro. 2024).

A solicitação foi aceita sem restrições pelos diretores do clube e, desde então, a equipe se concentrou totalmente em disputar o campeonato e tentar fazer história: avançar para as semifinais do torneio. Com um formato diferente em relação aos anos anteriores já citados no artigo, o Campeonato Baiano 2024 reuniu 10 equipes, separadas em dois grupos com cinco agremiações. O Jacuipense ficou na 2ª chave, ao lado de Atlético de Alagoinhas, Bahia, Barcelona de Ilhéus e Jequié.

O início da competição não poderia ter sido melhor para um grupo que foi montado às pressas e sem nenhum tipo de recurso financeiro para as jogadoras. As Leoas do Sisal venceram o Barcelona por 2 a 1 e acenderam a esperança de que poderiam brilhar e fazer história com a camisa do Jacuipense. Entretanto, os resultados seguintes não foram positivos e a equipe acabou sendo eliminada na primeira fase, terminando a competição com uma vitória, sete derrotas, cinco gols marcados e cinquenta sofridos, finalizando a fase de grupos na 5ª colocação.

Apesar de mais uma eliminação na primeira fase do Campeonato Estadual, o trabalho das atletas foi reconhecido por quem esteve desde o início acompanhando as dificuldades enfrentadas pelo grupo ao longo dos meses. "Eu costumo dizer a elas, se o futebol baiano para as equipes do interior no masculino é difícil, no feminino é mil vezes mais. Ainda assim, a gente superou as dificuldades" (FRANÇA, Ícaro. 2024).

Para Ícaro França (2024), que possui experiências em clubes do futebol masculino baiano, a diferença é notória e, ainda de acordo com o desportista, falta seriedade por parte dos clubes para tratar a modalidade de forma mais profissional. O olhar com mais atenção, o investimento e as competições de categoria de base, são tópicos que França defende para as mulheres poderem, sim, estar em campo jogando futebol e serem devidamente reconhecidas e valorizadas como atletas.

Mesmo disputando uma competição profissional, as jogadoras que atuaram pelo Jacuipense ainda não recebem salários e, muitas delas, encaram a competição como uma espécie de vitrine para mostrar o talento. As partidas

contra os principais clubes do estado, Bahia e Vitória, são ansiosamente aguardadas por todas elas, mesmo que o resultado não seja o esperado. Afinal, além da importância de vencer uma partida, elas lutam para serem vistas como atletas profissionais de futebol.

O OLHAR DA FEDERAÇÃO BAHIANA DE FUTEBOL

O artigo chega ao último capítulo para destacar o principal ponto desta pesquisa: a difícil realidade das atletas do Esporte Clube Jacuipense. Durante um período de quatro meses, entre julho e outubro do ano corrente, o pesquisador se debruçou em acompanhar histórias de algumas das jogadoras que disputaram o Campeonato Baiano 2024 e como a Federação Bahiana de Futebol (FBF) tem atuado para fortalecer a modalidade na Bahia.

Apesar de isentar as equipes da taxa de inscrição e arcar com os custos da arbitragem nas partidas, a FBF também encontra dificuldades para fazer a competição acontecer. A diretora de competição da federação, Taíse Galvão, concedeu entrevista ao pesquisador no dia 18 de setembro de 2024 e afirmou que “o maior desafio é estruturar a competição de forma que todos os clubes participantes tenham as condições necessárias para competir” (GALVÃO, Taíse. 2024).

Para impulsionar o futebol feminino no Estado e fazer a modalidade ganhar mais força a cada ano, a FBF realizou, pela primeira vez na história, o Campeonato Baiano Sub-17. O torneio representa um passo importante para o avanço da categoria, fazendo com que garotas sejam vistas e tenham oportunidades ainda adolescentes de mostrarem suas habilidades em campo. “A FBF tem como objetivo ampliar o calendário de competições, dando mais oportunidades para equipes que ainda não possuem grande visibilidade no cenário nacional” (GALVÃO, Taíse. 2024).

O avanço do futebol feminino na Bahia tem sido tratado, atualmente, de forma mais séria e respeitosa por parte dos envolvidos no processo, apesar de ainda precisar de alguns ajustes já ilustrados neste artigo. Contudo, com a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2027, surge a necessidade de um olhar mais atento dos personagens que estão à frente do esporte. O processo de formação de atletas é fundamental para a Seleção Brasileira poder chegar na competição com condições de sonhar alto.

CARREIRA PROMISSORA ESBARRA EM DIFICULDADES

Ser talentosa não é o suficiente para algumas meninas que pensam em se tornar jogadoras de futebol. As adversidades enfrentadas ao longo dos anos, muitas vezes travam grandes promessas do futebol feminino que surgem nas comunidades. Com um elenco bem diversificado, mesclando experiência e juventude, exemplos não faltam para abordar neste artigo. Ver a idade passar e, com ela, a possibilidade de um sonho ir embora é um dos maiores medos das atletas.

Para Gabriela Neiva, 17 anos, considerada uma das jogadoras mais talentosas do Jacuipense, a lacuna quando ela ainda era uma criança foi um enorme desafio. A sensação de que não iria conseguir jogar em um time de futebol foi o grande problema relatado por ela ao pesquisador deste artigo no dia 25 de setembro de 2024. “As grandes dificuldades que eu enfrentei foi não ter aqui nos times da Bahia e de Salvador, categorias de base. Onde o futebol do jogador começa é na base” (NEIVA, Gabriela. 2024).

Com o passar do tempo, o desejo de Gabriela foi dando lugar ao conformismo de que não seria possível alcançar aquilo que sempre desejou quando ainda era criança. Assim como milhares de mulheres pelo Brasil, a jovem atleta estava prestes a deixar o sonho esportivo e investir em outra profissão, quando foi notada pelo Jacuipense. “Já pensei em desistir justamente por isso, porque com 17 anos e nunca ter jogado em um time, em uma base, eu ficava pensando que já ia fazer 18 anos e não jogo em um time” (NEIVA, Gabriela. 2024).

Tudo que a adolescente precisava era de uma oportunidade dentro das quatro linhas para provar que ela poderia se tornar uma jogadora de futebol profissional. Os toques na bola, os dribles e os chutes de Gabriela logo chamaram a atenção dos profissionais da comissão técnica do Esporte Clube Vitória. Após o Campeonato Baiano pelas Leoas do Sisal, a meio-campista vai seguir para o Rubro-Negro, onde disputará a Copa São Paulo de Futebol Júnior 2024, realizada entre 28 de novembro e 15 de dezembro.

OPORTUNIDADE E O SONHO DE UM FUTURO MELHOR

Vestir a camisa do Esporte Clube Jacuipense e disputar o Campeonato Baiano é uma grande oportunidade para as atletas. Mesmo com condições que ainda podem e devem ser melhoradas, conforme foram apontadas no terceiro capítulo deste artigo, muitas delas entendem a realidade da modalidade e ainda assim vão em busca do grande objetivo pessoal. Afinal, neste esporte, luta e resistência é a marca das mulheres que querem se tornar atletas profissionais.

A famosa declaração da jogadora Marta, em 2019, após a eliminação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da França, é um grande combustível para as jovens atletas que almejam ser jogadoras profissionais. À época, a camisa 10 do Brasil desabafou e cobrou uma melhor postura dentro e fora de campo das atletas brasileiras em geral. “Chorem no começo para sorrir no fim. Não vai ter Marta para sempre” (VEIGA, Marta. 2019).

É assim que, aos 18 anos, a jovem Celine dos Santos encara a oportunidade de disputar o Campeonato Estadual pelo Jacuipense. Como a maioria das mulheres, ela sonha em jogar em grandes clubes, ser uma atleta reconhecida e, consequentemente, vestir a camisa da Seleção Brasileira. Ao pesquisador deste estudo, no dia 25 de setembro de 2024, a meio-campista explicou que “sem dúvida, essa é a minha maior do futebol que eu já tive. Por questão de visibilidade do campeonato e até de desenvolvimento pessoal” (DOS SANTOS, Celine. 2024).

Realidade que já foi tão distante, quando as mulheres no Brasil eram proibidas de jogar futebol até o início da década de 80, atualmente jovens como Gabriela e Celine podem sonhar e tornar possível o desejo de quando ainda eram crianças. Aos poucos, o mínimo para que elas tenham oportunidade de calçar as chuteiras, entrar em campo e correr atrás dos seus objetivos está sendo disponibilizado pelos clubes, FBF e CBF. Como o artigo ilustrou, ainda não é o ideal, mas é uma luz no fim do túnel que traz esperança de dias melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto histórico do futebol feminino no Brasil tem participação direta na omissão que acompanha a modalidade por tantos anos, fazendo com que muitas mulheres deixassem de tentar uma carreira como atleta profissional. A luta, no início da década de 80, para que o futebol feminino deixasse de ser proibido no Brasil, deixa claro o retrocesso do país com relação à modalidade e isso reflete nos resultados em campo até os dias atuais. O cenário, a nível nacional, só apresentou um leve indício de melhora em 2019, conforme abordado no estudo.

Contudo, o resultado desta pesquisa deixa claro que a realidade das atletas que atuam em clubes considerados pequenos ainda está bem longe do ideal para a profissionalização da modalidade. Com um calendário curto e fazendo apenas oito jogos ao ano, como o caso das jogadoras que atuaram no Campeonato Baiano 2024 pelo Jacuipense, fica evidente a falta de espaço para que elas possam mostrar seus talentos e conseguir realizar os sonhos por meio do esporte.

Com uma competição fortalecida e maior atenção aos clubes do interior, é esperado que desperte o interesse por parte dos torcedores em acompanhar seus respectivos clubes, algo que já vem aumentando nacionalmente de acordo com os dados da Quaest/CNN/Itatiaia, apresentados neste artigo. Por isso, é importante a valorização da modalidade na Bahia para que, consequentemente, haja mais espaço na mídia. O Portal A TARDE ainda tem números baixos de acessos em notícias relacionadas ao futebol feminino local, no entanto, dispõe de audiência positiva em relação aos conteúdos publicados sobre a Seleção Brasileira, Corinthians ou até mesmo o Bahia.

A criação de um campeonato sub-17, em 2024, tem papel fundamental no processo de valorização da categoria, sendo assim, uma porta de entrada para centenas de jovens que sonham em ser atletas profissionais de futebol, podendo disputar um torneio dentro da própria categoria. A isenção de taxas por parte da Federação Bahiana de Futebol é de extrema importância para que novos talentos sejam descobertos, o futebol da Bahia seja fortalecido na capital e, principalmente, no interior. Ao investir em uma comissão técnica com experiência no futebol feminino, o Jacuipense deu um passo importante

para valorizar o processo do avanço da categoria no clube, mesmo que o resultado da equipe no Campeonato Baiano profissional tenha sido aquém do desejado.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza; RAMOS, Suellen; JORAS, Pamela; et al**. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres.** Scielo, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNg/?lang=pt. Acesso em: 5 de set. de 2024.

BANDEIRA; Cecilia; MAGALHÃES, Delosmar; MORAIS, Isa; et al**. Elas e o futebol.** João Pessoa: Editora Xeroca, 2019.

Cresce percentual de quem assiste ao futebol feminino, aponta pesquisa. CNN Brasil, 2024, Editoria Esporte. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/cresce-percentual-de-quem-assiste-ao-futebol-feminino-aponta-pesquisa/. Acesso em: 5 de set. de 2024.

Competições, BAIANÃO FEMININO 2024. Federação Bahiana de Futebol (FBF), 2024. Disponível em: https://www.fbf.org.br/competicoes/3. Acesso em: 13 de out. de 2024.

Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos. Ge.globo, 2021. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml. Acesso em 5 de set. de 2024.

Estudo da Fifa expõe atraso no planejamento e gestão do futebol feminino no Brasil. Jornal Extra, 2020, Editoria Esporte. Disponível em: https://extra.globo.com/esporte/estudo-da-fifa-expoe-atraso-no-planejamento-gestao-do-futebol-feminino-no-brasil-23812348.html. Acesso em: 4 de set. de 2024.

Globo atinge 140 milhões de pessoas com Olimpíada e futebol feminino bate recorde. Correio Brazilliense, 2024, Editoria Esporte. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2024/08/6919408-globo-atinge-140-milhoes-de-pessoas-com-olimpiada-e-futebol-feminino-bate-recorde.html. Acesso em: 5 de set. 2024.

Goellner, Silvana**. Mulheres e Futebol: Descontinuidades, Resistências e Resiliências.** Revista de Educação Física da UFRGS, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157. Acesso em: 5 de set. de 2024.

Jacuipense feminino. Portal A Tarde. Editoria Esporte. Disponível em: https://atarde.com.br/?q=Jacuipense+feminino&d=1. Acesso em: 12 de set. de 2024.

Jacuipense. Portal A Tarde. Editoria Esporte. Disponível em: https://atarde.com.br/?q=Jacuipense&d=1. Acesso em: 12 de set. de 2024.

JESUS, Bia. **Brasil x Espanha, na semifinal Olímpica, teve audiência de mais de 15,4 milhões de pessoas.** Bahia Notícias, 2024, Editoria Esporte. Disponível em: https://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/70516-brasil-x-espanha-na-semifinal-olimpica-teve-audiencia-de-mais-de-154-milhoes-de-pessoas. Acesso em: 5 de set. de 2024.

Marta se emociona e cobra novas jogadoras do Brasil: 'Chorem no começo para sorrir no fim. Não vai ter Marta para sempre'. ESPN, 2019. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5763094/marta-se-emociona-e-cobra-novas-jogadoras-do-brasil-chorem-no-comeco-para-sorrir-no-fim-nao-vai-ter-marta-para-sempre. Acesso em: 23 de set. de 2024.

SIMON, Allan. **Final na Globo tem maior audiência do futebol feminino na história** olímpica. UOL Notícias, 2024, Editoria Esporte. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/colunas/allan-simon/2024/08/11/final-na-globo-tem-maior-audiencia-do-futebol-feminino-na-historia-olimpica.htm. Acesso em: 5 de set. de 2024.